

A REPRESENTAÇÃO DO FANTASMAGÓRICO EM *O ÚLTIMO VOO DO FLAMINGO*

Natasha Magno Francisco dos SANTOS
Orientador: Prof. Dr. Eduardo Sterzi

Resumo: A presente investigação se propõe a pesquisar, a partir da teoria crítica pós-colonial, a representação do fantasmagórico na obra *O último voo do flamingo*, do autor moçambicano Mia Couto. Nela, buscou-se identificar, no texto ficcional, as representações de fantasmas como elementos ligados ao passado, por meio dos quais se abordam mais especificamente as relações entre memória. Foi trabalhado a temática da guerra civil em Moçambique nesta obra sob a perspectiva do fantástico clássico e contemporâneo, para que, por meio dessa chave, seja possível identificar tais representações. O trabalho buscou, ainda, propiciar um melhor entendimento da própria literatura moçambicana por meio dessa análise e, principalmente, contribuir para sua compreensão e divulgação no Brasil.

Palavras-chave: *Literatura moçambicana, Literatura Fantástica, Literaturas Africanas em Língua Portuguesa.*

INTRODUÇÃO

A presente investigação científica se propôs a pesquisar, a partir da teoria crítica pós-colonial, a representação do fantasmagórico na obra *O último voo do flamingo*, do autor moçambicano Mia Couto.

O romance é constituído de acordo com os relatos, depoimentos e confissões presenciados por Massimo e pelo tradutor de Tizangara, que não tem nome próprio e conhece profundamente as raízes, tradições e histórias da pequena vila imaginária. O enredo se inicia com um fato insólito: um pênis é encontrado no meio da Rua de Tizangara, mas o evento não é inédito, pois alguns soldados das Nações Unidas já haviam explodido de maneira misteriosa antes, e o órgão genital era a única coisa que restava deles na cena do crime. Devido a tais fatos, um oficial das Nações Unidas, o italiano Massimo Risi, é destacado para investigar o caso e, para que o inquérito seja instalado, ele precisará de um tradutor, que é o narrador do romance.

À medida que a investigação ganha corpo dentro do romance, a amizade entre Massimo e o tradutor começa a se solidificar e outras vozes ganham espaço no texto, deslocando o foco narrativo para outros personagens: Estevão Jonas (o administrador da vila), a velha-moça Temporina, a prostituta Ana Deusqueira, o feiticeiro Zeca Andorinho

e o velho Sulpício (o pai do narrador). Todos eles apresentam suas versões dos fatos, ou contam sonhos ou lembranças essenciais para o processo investigativo, no qual Massimo está inteiramente inserido. A busca do investigador por uma solução para algo que, em sua essência, é insolúvel, traz à narrativa elementos surreais e fantásticos, de modo que os desaparecimentos não são mais o foco da investigação e do romance.

Em *O último voo do flamingo*, sobrenatural e real coexistem e permitem uma rearticulação na narrativa, cujo foco deveria ser a investigação iniciada por Massimo Risi e pelo Tradutor, mas, ao invés disso, outros eventos místicos tomam voz na obra, permitindo que os mitos tradicionais moçambicanos incorporem as relações culturais e sociais dos próprios personagens. É importante perceber, deste modo, que as explosões em Tizangara são um pretexto para a investigação de Massimo Risi e do Tradutor, mas, na realidade, a verdadeira busca da narrativa é pela compreensão e tradução da própria cultura moçambicana.

Um dos elementos recorrentes na obra de Mia Couto, próprio das culturas africanas, são os rituais, que estabelecem uma linha tênue entre a realidade e o misticismo. Esse universo contribuiu para o clima de estranho e de fantástico, em que os antepassados são os elementos que se associam diretamente a esse universo. No caso de *O último voo do flamingo*, sua aparição é relativamente reduzida com relação às outras obras do autor, mas suficiente para proporcionar um sentimento de desconforto, uma vez que os mortos e os vivos convivem no mesmo espaço. Carmen Lucia Tindó Secco, diz-nos que “Através das lembranças que guardou da mãe, do pai Sulpício, o tradutor tenta reencontrar a identidade dilacerada por tantas opressões e imposições feitas pelos colonizadores que silenciaram a sua cultura. Por meio do convívio com o feiticeiro Zeca Andorinho e com Temporina, moça-velha, tenta passar ao investigador italiano as crenças e a visão africana do mundo, segundo as quais os antepassados continuam, após a morte, interferindo no mundo dos vivos”¹. Essa interpretação teórica é muito importante para entender o porquê da presença de alguns fantasmas na obra, como Hortência, espírito que se metamorfoseia de louva-a-deus para visitar os vivos.

Como objetivo geral, o estudo se propôs a analisar a representação fantasmagórica dentro do romance e como ela aparece como chave para a imersão do leitor no universo ficcional de Mia Couto, pois os mortos intervêm de forma natural nos acontecimentos, muitas vezes protegendo ou punindo os vivos, para que estes não se esqueçam de que, para se construir um futuro, é necessário consultar seus antepassados, suas memórias.

1 SECCO, Carmen Lucia Tindó. A magia das letras africanas: Ensaio sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos. Rio de Janeiro: Quartet Editora, 2008. p. 154.

Para a teórica Ana Mafalda Leite, o Tradutor seria importante para fazer a ligação entre mortos e vivos e, principalmente, “para fazer a ligação entre o tempo de antes e o tempo de agora, entre o onirismo dos mortos e a derrota dos vivos”². Tal estratégia teórica nos permite pensar Tizangara como possível metonímia de Moçambique, que foi vítima das destruições causadas pela guerra, cujo impacto veio do reflexo de um colonialismo europeu e das guerrilhas pós-independências, que não souberam respeitar as tradições culturais e religiosas moçambicanas.

Assim, podemos afirmar que o contexto cultural pós-colonial, no qual *O último voo do flamingo* está inserido, permitiu a construção de pontos de encontro entre a cultura tradicional local e a modernidade assimilada do Ocidente, que muitas vezes se concretizou de maneira brutal e impositiva. Tal processo resultou num hibridismo cultural, que mapeia as experiências históricas de Moçambique e contribui para um movimento de busca à identidade, que se fortalece por meio do resgate à memória. Esse resgate surge muitas vezes nas literaturas pós-coloniais miacoutianas, principalmente via representação de fantasmas, que, devido à impossibilidade de reescreverem sua história, surgem no mundo dos vivos para, como uma espécie de farol, para guiá-los e alertá-los sobre possíveis rumos futuros a serem percorridos.

Essa alegoria presente na obra redimensiona o olhar sobre o romance e inclusive sobre Moçambique, um dos países mais pobres do mundo e recém-saído de três décadas de guerra civil, que matou ao menos 16 milhões de pessoas. Como afirma Maurício Cesar Menon,

[...] não parece haver cultura que deixe de lidar com os seus fantasmas ou países que não tenham seus lugares assombrados. Na cidade ou no campo, antes e agora, esses seres ainda se fazem presentes, talvez funcionando mais como uma projeção da consciência sobre a morte, que por mais que incomode, constitui fato inexorável ao homem.³

Deste modo e visto que a literatura pode ser uma forma de diálogo entre o real e o imaginário, um estudo sobre as representações do fantasmagórico em *O último voo do flamingo* se fez mais que enriquecedor, pois esses fantasmas representam a possibilidade de possível intersecção entre a memória e a identidade moçambicana.

O interesse pelo tema surgiu quando foi observado o quão rico e ramificado ele pode ser, já que se desdobra em tantos outros e não apenas no campo da literatura. A pesquisa

2 LEITE, Ana Mafalda. Literaturas africanas e formulações pós-coloniais. Lisboa: Colibri, 2003. p. 66-67.

3 MENON, Maurício Cesar. “Ruídos no silêncio: A presença dos fantasmas na literatura brasileira”. Revista Trama. v. 4, n. 8, jul./dez. 2008. p. 177.

não visou o esgotamento do tema, dada sua amplitude, mas mostrou-se pertinente levantar as questões que envolvem essa temática, visto que ela foi e provavelmente ainda será exaustivamente discutida. A partir daí, a escolha bibliográfica procurou contemplar obras da filosofia, da psicanálise e da crítica literária.

Para que a pesquisa se mantivesse fiel aos objetivos propostos, foi preciso analisar a melhor maneira de organizar a lista de obras bibliográficas. A fim de garantir que as principais obras fossem lidas, optou-se pelo método de leitura cronológica e separada por área.

Sendo assim, as primeiras leituras foram aquelas em que a temática foi inicialmente discutida, ou seja, acerca do fantástico e do fantasmagórico. Devido à gama de teóricos e suas diferentes correntes, foi importante definir quais deles seriam essenciais para a formação da base teórica da pesquisa. Com isso, leu-se Tzvetan Todorov, bem como obras de apoio que elucidassem as questões levantadas em torno do fantástico. Para dar continuidade à formação teórica sobre o tema, escolheu-se a obra *A Imagem Espectral*, de Erick Felinto, para entender como o fantasmagórico se construiu ao longo do tempo e como ele pode se instaurar na contemporaneidade.

Enquanto as leituras eram feitas, procurou-se manter o cronograma apresentado no projeto de pesquisa, buscando sempre a coincidência das obras com o tempo previamente destinado a elas.

Em seguida, as obras escolhidas foram aquelas que tratavam do tema da identidade e de sua construção social, não só em Moçambique, mas na África em geral.

Dentre os autores, temos Stuart Hall e Homi K. Bhabha, entre outros autores que teorizaram em torno dos estudos pós-coloniais e de textos que buscaram dar visibilidade às literaturas e às culturas africanas. Dentro desse âmbito floresce a literatura moçambicana. Seu papel no retorno às tradições ancestrais e contestação às opressões do colonizador, a partir do séc. XX deram a cara que a literatura moçambicana tem hoje.

O objetivo era fortalecer a base teórica sobre as implicações da construção da representação dos fantasmas na obra, pois se buscou apresentar o fantasma dentro da Literatura como objeto de resistência ao esquecimento da memória coletiva e como possível instrumento que expõe as contradições que habitam principalmente o território africano.

Em seguida, o estudo debruçou-se sobre o estudo da obra propriamente dita, com a leitura de obras de crítica literária. Ana Mafalda Leite, Carmen Lucia Tindó Secco, Rita Chaves e Tânia Macedo, que são alguns dos autores, que, dentro dos estudos das literaturas africanas pós-coloniais, destacam-se por ressaltarem que a reflexão teórica em torno deste tema ainda não se esgotou por completo. Suas obras possibilitaram um olhar

mais crítico à estrutura do próprio romance mia coutiano, de modo a analisar as escolhas que cada autor fez para retratar o tema.

Para cada obra ou artigos lidos, fichamentos foram feitos que visassem a fixar e organizar em tópicos os textos lidos para melhor serem aproveitados no trabalho de análise. Esse método mostrou-se eficaz na medida em que a leitura e o respectivo fichamento exercitavam a escrita de notas pessoais, relacionando aquilo que era lido com os objetos deste estudo.

As ideias pessoais e as informações teóricas foram se relacionando a partir do método indutivo, já que pude formular uma verdade geral sobre o tema, ainda que restrita e provisória, uma vez que o assunto não pode ser esgotado.

Todo material de leitura utilizado pôde ser encontrado nas bibliotecas da Unicamp, bem como as revistas e artigos consultados puderam ser localizados com facilidade em acervos digitais.

RESULTADOS

Buscou-se identificar no texto ficcional as representações de fantasmas como elementos ligados ao passado, por meio dos quais se abordam mais especificamente as relações entre memória e identidade. Para que isto ocorresse, foi imprescindível uma busca bibliográfica em torno dos estudos pós-coloniais e de textos que busquem dar visibilidade às literaturas e às culturas africanas.

Para Rita Chaves, esses estudos servem como resposta a um pensamento abissal histórico canônico que, por meio da globalização, impossibilitaria a ideia de co-presença dos saberes ocidentais e orientais. Dentro desse contexto, o surgimento dos estudos pós-coloniais se torna muito importante para uma espécie de equilíbrio do conhecimento, em que o Outro também possui uma forma de contar a sua história, a qual não pode ser hierarquizada ou desvalorizada.

[...] como uma resposta à massificação que os ventos da globalização vêm impondo, só pode repercutir-se, tomando a utopia que cercou a atmosfera das independências africanas, apostar numa ideia de identidade plural, contrariando, inclusive, o raciocínio, tão comum no ocidente, de fertilizar as generalizações e as determinações que se recusam a compreender a diversidade e a dinâmica das coisas. Talvez o mais indicado seja apurar os ouvidos, para impedir a repetição do erro fatal que contaminou as relações lá naquele final do século XV. Retornando à beleza da imagem de Manuel Rui, é preciso não desperdiçar a oportunidade de entrar e ouvir as histórias que todos temos para contar [...].⁴

4 CHAVES, Rita. Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários. São Paulo: Ateliê, 2005.

A busca por essa chave pós-colonial se mostrou essencial para compreendermos em que espaço se localiza a obra de Mia Couto nos dias atuais, pois notamos como essa perspectiva se preocupa com o peso histórico do colonialismo e com a persistência do projeto colonialista na mentalidade e na ideologia dos sujeitos que vivem em países que antes foram colônia, como Moçambique. Assim sendo, para entender a construção do fantástico e a representação do sobrenatural em *O último voo do flamingo*, fez-se necessário discutir a função da literatura moçambicana no projeto de construção da identidade nacional, bem como brevemente analisar os embates identitários entre o sujeito africano e o europeu na obra selecionada.

Mia Couto, por meio de sua literatura, propõe um caminho de mão dupla: a formação da identidade local refratada na formação de um ser humano universal. Nesse cenário, a questão da identidade cultural será apresentada a partir do choque de três olhares: um ancestral, um moderno e um eurocêntrico. Homi Bhabha, em *O local da cultura* (1998) apresenta uma vez que esse choque, uma vez que o conflito entre o Eu e o Outro se desdobra na própria configuração da construção da nacionalidade em Moçambique, visto que o romance lança de forma metafórica todo um questionamento sobre os conflitos entre o desaparecimento da cultura local, primitiva, em detrimento das influências do processo de colonização: “Não é o Eu colonialista nem o Outro colonizado, mas a perturbadora distância entre os dois que constitui a figura da alteridade colonial”.⁵

No momento de elaboração do projeto, algumas questões foram levantadas de modo que, ao final da pesquisa, elas pudessem ser respondidas. Seriam elas: *No que consistiria a identidade moçambicana apontada por Mia Couto? Qual a função da representação fantasmagórica no romance?*

De certa forma, este estudo conseguiu dar respostas satisfatórias a todas essas perguntas à luz dos textos analisados. A seguir, traremos breve apresentação, analisando como os conceitos foram entendidos em cada um desses questionamentos.

No que consistiria a identidade moçambicana apontada por Mia Couto?

Após a independência de Portugal, muitos escritores moçambicanos, sobretudo romancistas, mostraram-se, continuamente, interessados em representar um perfil do seu país através de um desenho social, que, muitas vezes, são reveladores identitários e culturais. Para a teórica Rita Chaves⁶, o período chamado pós-colonial é também uma

5 BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998. p. 76.

6 CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. São Paulo: Ateliê, 2005.

usina de perturbações, em que as lutas alavancadas pela independência se resinificaram e em que houve, por grande parte dos intelectuais, uma perplexidade diante da inviabilidade de diversos sonhos que, por isso, não se concretizaram. A continuidade de guerras civis, a corrupção e a pobreza trouxeram um universo avesso ao otimismo, em que a tradição cultural, a história e a memória puderam servir de fonte inspiratória para muitos novos autores. E é neste cenário pós-independência que Mia Couto escreve *O ultimo voo do flamingo*, romance que trata de deslocamentos identitários e pluralizados na construção de uma nova nação, que talvez não possua uma identidade única, mas o qual tenha construído, dentro da sua formação, uma abertura que dê espaço a uma multiplicidade de vozes, etnias e histórias.

O fato de a narrativa ser organizada por histórias sonhadas, que promovem a interação dos mortos no mundo dos vivos é uma das problemáticas centrais dos romances de Mia Couto. Vemos que a narrativa dessas obras mudam de perspectiva ao abordar o imaginário trazendo uma reviravolta na leitura e na construção literária, elementos essenciais para o gênero que envolve o fantástico.

O narrador de *O Ultimo Voo do Flamingo* é em primeira pessoa. O livro começa, antes de tudo, com uma carta do narrador aos possíveis leitores, na qual elucida e confirma a veracidade dos fatos que se seguiram:

Fui eu que transcrevi, em português visível as falas que daqui se seguem. Hoje são as vozes que não escuto senão no sangue, como se sua lembrança me surgisse não da memória, mas do fundo do corpo. (...) Assisti a tudo que aqui se divulga, ouvi confissões, li depoimentos. Coloquei tudo no papel por mando da minha consciência. Fui acusado de mentir, falsear as provas de assassinato. Me condenaram. Que eu tenha mentido, isso eu não aceito. Mas o que se passou só pode ser contado por palavras que ainda não nasceram.⁷

Ao longo da narrativa, a função do narrador é a de tradutor oficial e guia do italiano, pela vila de Tizangara. Contudo, é importante ressaltar que seu ofício de tradutor não se dá pela tradução da língua em si, mas pela tradução da realidade, não só ao italiano, mas ao próprio leitor.

O europeu tem extrema dificuldade de interagir com o universo mágico, já que este rompe com sua concepção de real, expressa em múltiplos diálogo ao longo do livro:

Apetecia-lhe nada, simplesmente ficar ali, longe do quarto, distante das suas obrigações. Sentei-me a seu lado. Ele me olhou, como se fosse por primeira vez:
- Você quem é?
- Sou seu tradutor.
- Eu posso falar e entender. Problema não é a língua. O que eu não entendo é este mundo daqui.⁸

7 COUTO, 2005, p. 9).

8 COUTO, Mia. *O ultimo voo do flamingo*. Cia das Letras: 2005, p. 40)

O uso do tradutor como mediador desse contato com o europeu, e de certa maneira com o leitor, implica na construção da resposta que se poderia dar à pergunta *No que consistiria a identidade moçambicana apontada por Mia Couto?* As relações entre o Ocidente e Oriente foi um dos elementos que possibilitaram a armação de uma nova identidade em Moçambique. Para que pudéssemos compreender como essa relação indentitária se formou até a produção do romance analisado, foi preciso também um breve levantamento histórico/social de Moçambique.

A segunda metade do século XX foi marcada por grandes lutas sociais, entre elas, a luta contra o colonialismo. Tal período pode proporcionar diversas reflexões teóricas sobre a importância de se estudar as influências do pensamento europeu sobre a África, uma vez que este se configurou como importante ferramenta na estrutura colonial e pós-colonial, tendo assim, forte impacto no pensamento intelectual de muitos teóricos, principalmente africanos. Com esse novo engajamento social, diversos intelectuais formaram seus projetos políticos, que, por sua vez, se mesclaram à enorme carga de desejos e perspectivas.

Dentro deste contexto, Moçambique contribui na luta contra o colonialismo nos anos 60 e 70 e é através da cena literária que poesia e marxismo interagem na construção de um projeto político cultural, onde se almejava, principalmente, a construção de uma nação livre.

A independência de Moçambique foi conquistada em 1975, sob o comando da FRELIMO. Entre as principais preocupações estava a busca pelo desenvolvimento de uma nova unidade nacional, “um país que ainda não existia”.⁹

É possível perceber que o processo histórico de independência em Moçambique e posteriormente de influência socialista tiveram força direta na construção de identidade cultural deste país. Para Maria do Carmo Tedesco, a conjugação de um projeto socialista com a superação de um subdesenvolvimento e a construção de “um novo homem” foram os alicerces para a fundação de uma nova Moçambique, que visava a sua libertação colonial. Mas para autora, tal projeto silenciou outros setores da sociedade, que para os novos governantes, dessa “Nova Moçambique”, representavam uma espécie de atraso social:

Entretanto, nesse processo, vários setores da sociedade foram silenciados, por um projeto cultural centralizador, que para se consolidar pressupunha o abandono das práticas culturais e crenças¹⁰

9 TEDESCO, Maria do Carmo Ferraz. Revista Mosaico, v.3, n.1, p.81-91, jan./jun. 2010.

10 TEDESCO, Maria do Carmo Ferraz. Revista Mosaico, v.3, n.1, p.81-91, jan./jun. 2010.

Esse silenciamento proporcionou uma desestabilidade do Estado recentemente construído e o entusiasmo de uma nova nação deu lugar à incerteza. Logo após a independência, Moçambique foi tomada por uma guerra civil que durou 12 anos e colocou em voga a representação da nação que vinha sendo construída.

Tal cenário político favoreceu a corrupção e o oportunismo político, e para autora M. C. F. Tedesco a literatura assumiu um papel configurado:

Nesse contexto a produção literária, em especial os romances, assume papel reconfigurador, novas narrativas são produzidas na busca de respostas à decepção com o processo de independência e na tentativa de incluir os setores populares e suas tradições atribuindo um novo significado à estes sujeitos históricos e ao papel por eles desempenhado na construção da identidade moçambicana. Essas novas interpretações literárias produzidas em momento imediatamente posterior à Guerra Civil, vão configurar um processo de disputa no interior da sociedade ¹¹

Dentro deste contexto apontado, podemos encontrar os romances escritos por Mia Couto, que através do uso de neologismos e oralituras, proporciona uma tentativa de incluir os setores populares, antes silenciados pelo colonizador e pela brutalidade da guerra civil. Em *O ultimo voo do flamingo*, o autor almeja atribuir um novo sentido a estes sujeitos históricos e o papel que eles desempenham na construção de uma identidade possível moçambicana.

O estudo e análise da obra mostrou que Mia Couto, através das representações fantasmagóricas em seu romance, aponta para um possível projeto ideológico identitário, que consiste na convivência entre passado/presente, mortos/vivos e tradição/modernidade. Essa convivência, entre ambivalências, nos apresenta um romance repleto de crenças, conflitos, experiências individuais e coletivas e como traço marcante a reavaliação de diversos aspectos do projeto político construído em Moçambique.

Qual a função da representação fantasmagórica no romance?

O romance apresenta uma estratégia instigante no que se refere aos recursos utilizados do gênero fantástico para representar diferentes concepções da realidade. De acordo com a pesquisadora Lisângela Daniele Peruzzo, “Comumente atribuiu-se o termo ‘fantástico’ à literatura na qual acontecimentos não convencionais, ou melhor, não pertencentes ao universo conhecido, do aceitável na realidade cotidiana misturam-se em uma dada narrativa ficcional. No entanto, o estudo desse tipo de literatura mostra que ela pode abranger muitos e diferenciados tipos de narrativas, os quais podem contar com as

11 TEDESCO, Maria do Carmo Ferraz. Revista Mosaico, v.3, n.1, p.81-91, jan./jun. 2010.

mais diversas intenções do emissor em relação ao receptor do texto e à própria matéria narrada”¹². A partir desse ponto de vista, pode-se materializar que este gênero, por sua vez, não busca descrever realidades, e sim expor a precariedade do que denominamos realidade.

Para Todorov¹³, a literatura fantástica se subdivide em várias outras categorias: fantástico; fantástico-estranho; estranho-puro; fantástico maravilhoso; maravilhoso puro. E dentro dessas subcategorias, encontramos diversas ramificações temáticas. No caso, este romance faria parte do fantástico maravilhoso, já que a narrativa se constrói de maneira fantástica – transposição do nosso mundo para um outro, em que certos acontecimentos não podem ser explicados pelas leis do mundo familiar ao leitor –, e que, por sua vez, termina por uma aceitação dos elementos sobrenaturais.

Em *O último voo do flamingo*, Hortênsia, personagem do livro, nos é apresentada como fantasma e continua a fazer parte da vida de seu sobrinho mentalmente instável, e materializa-se na forma de um grilo que visita Tizangara. Os demais personagens do livro, incluso o próprio narrador, não sentem desconforto ou temor diante da presença do fantasma, sendo a exceção Massimo Risi, que, ao se deparar com a figura de Hortênsia, sente-se perdido:

- *Hortênsia!*

O italiano passava ao oitenta sem parar no oito. Hortênsia? Que se passava, agora? Olhou para mim pedindo socorro e eu aproximei-me do hospedeiro para esclarecimento. O homem apontava no chão uma louva-a-deus morta. Também a mim me veio um arrepio. De repente, aquele cadáver estava para além de um inseto. O recepcionista prosseguia, lamurioso:

- *Ela andava sempre por aí, pelos quartos...*

Mais pesaroso não se podia estar. O italiano, quando entendeu, tratou de despachar dali o recepcionista. Não havia rêsia de paciência, nas reservas dele. E com a bengala enxotou do quarto o bicho, varrendo-o como se de um mero lixo se tratasse.

- *E agora me explique! Que raio se passa?*

Uma louva-a-deus não era um simples inseto. Era um antepassado visitando os viventes. Expliquei a crença a Massimo: aquele bicho anda ali em serviço de defunto. Matá-lo podia ser um mau prenúcio¹⁴

Hortênsia, assim como outros fantasmas criados por Mia Couto, representa a ligação entre passado e presente, pois o fantasma é aquele que retorna dos mortos e assim perturba

12 PERUZZO, D. Lisângela. De armas e de palavras: Um estudo comparado da temática da guerra em *Terra sonâmbula*, de Mia Couto, e *Ventos do Apocalipse*, de Paulina Chiziane. 2010. 189 pp. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutorado junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, área de Estudos Comparados de Literaturas Portuguesa.

13 TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2012.

14 COUTO, Mia. *O último voo do flamingo*. Cia das Letras: 2005, p. 60.

o fluxo normal do tempo, que habita um território impreciso: vida e morte – um “entre lugar”.¹⁵

Símbolo de um acontecimento dramático, de uma história que almeja ser narrada, o fantasma na obra serve como uma espécie de guia aos vivos, pois a todo momento alerta e trás presságios sobre futuros acontecimentos. Para Erik Felinto, não importa olharmos para o fantasma como figura representativa do passado e sim algo que nos aproxime do presente e que revela por sua vez, o traço fundamental de uma cultura onde tudo parece convertido em imagem, mas que anseia pelo retorno da substancialidade, presença real e efetiva. Esse anseio, apontado pelo teórico, pode nos servir como pressuposto para refletir sobre o questionamento de *Qual a função da representação fantasmagórica no romance?* E como resultado, pudemos identificar que as representações dos fantasmas, em *O ultimo voo do flamingo*, são apresentadas como objetos de resistência ao esquecimento da memória coletiva e como possível instrumento que expõe as contradições, que habitam, principalmente, o território africano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando as perguntas formuladas com o objetivo de guiar este estudo, podemos dizer que a análise do romance as responde a sua maneira.

Ainda hoje, os fantasmas continuam símbolos relacionados ao sobrenatural, sendo objetos representantes de mistério, de portais, de contato com um mundo que não conhecemos. Porém, na obra mia coutiana a representação dos fantasmas pode ser relacionada diretamente com a construção da identidade, pois os mortos e vivos convivem no mesmo espaço e juntos constroem a noção ideológica de moçambicanidade, defendida por Mía Couto.

No final de *O ultimo voo do flamingo* abre-se um buraco que suga toda Tizangara, permanecendo na borda apenas o narrador e o italiano, Massimo Risi, à espera de um novo flamingo que traga o sol. A própria utilização do flamingo como aquele que trará a esperança elucubra a valorização da tradição local e reforça a identidade cultural do povo moçambicano, já que esta é uma ave sagrada, segundo uma lenda contada pela mãe do narrador.

Tânia Macedo¹⁶, ao discutir a construção do romance mia coutiano, nos esclarece que o título da obra se desmente ao longo da narrativa, pois a desesperança não se

15 FELINTO, Erick. A imagem espectral – Comunicação, Cinema e Fantasmagoria Tecnológica. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008. Pág. 25.

16 MÁCEDO, T & Marques, V. Literaturas de Língua Portuguesa: Marcos e Marcas: Moçambique. 1ª. ed. São Paulo: Editora Arte & Ciência, 2007.

confirma. Assim, podemos concluir que Tizangara, possível metonímia de Moçambique, é um local de convívio pós-colonial, onde muito ainda pode ser feito. O que seria o último voo do flamingo, na verdade, será o primeiro retorno de uma nação que ainda está se reinventando e que consulta e convive com os seus fantasmas para desenhar um novo futuro.

A conclusão a que este estudo chegou foi que a noção de identidade muda de acordo com o período histórico, com o momento social e cultural. Já os fantasmas, para Mia Couto, parecem ainda ocupar lugar essencial para a sobrevivência humana em Moçambique, pois sem eles, os vivos não podem existir. Nesse sentido, o autor demonstra não só uma preocupação com a memória, mas também com a invenção de um futuro que ainda não se apresentou em todas as possibilidades.

Dada à vastidão dos termos e conceitos atrelados a esta pesquisa, as dificuldades encontradas foram em relação a como delimitar o tema e a definir quais obras eram essenciais para melhor compreensão do estudo.

Até o período de vigência deste estudo não houve nenhuma publicação em periódicos científicos. Entretanto, continuaremos a pesquisar sobre o tema escolhido na monografia e permanece a intenção de publicar os resultados obtidos em revistas literárias ou outros periódicos que mostrem relevância acerca dos conceitos aqui trabalhados.

Apoio

Esta pesquisa contou com o incentivo do CNPq e Unicamp, sendo financiada pelo órgão PIBIC.

Agradecimentos

Ao CNPq, por me permitir tempo e oportunidade de trabalho. Eduardo Sterzi, pela oportunidade, pela palavra, pela orientação, pela intelectualidade vibrante e por mostrar como a academia pode ser viva. Nadejda, por ser irmã em todos os sentidos. Mãe por anos de luta e pelo carinho. Pai, pelo amor e por acreditar nas minhas lutas. João Moreira, pelo amor, pela inspiração e pela paciência. Gabriel Padovani, pela amizade e pelas contribuições valiosíssimas. Aos amigos, pelo apoio literário e moral nos momentos de crise.

Blondie, Fela Kuti, Leonard Cohen e Secos e molhados, pela trilha sonora.

BIBLIOGRAFIA

- BHABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CHAVES, Rita. *Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários*. São Paulo: Ateliê, 2005.
- COUTO, Mia. *O ultimo voo do flamingo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- FELINTO, Erick. A imagem espectral – Comunicação, Cinema e Fantasmagoria Tecnológica. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2008.
- LEITE, Ana Mafalda. *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais*. Lisboa: Colibri, 2003..
- MÂCEDO, T & Marques, V. Literaturas de Língua Portuguesa: Marcos e Marcas: Moçambique. 1ª. ed. São Paulo: Editora Arte & Ciência, 2007.
- MATUSSE, Gilberto. A construção da imagem de moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ugulani Ba Ka Khosa. Maputo: UEM – Livraria Universitária, 1998.
- MENON, Maurício Cesar. “Ruídos no silêncio: A presença dos fantasmas na literatura brasileira”. *Revista Trama*. v. 4, n. 8, jul./dez. 2008.
- PERUZZO, D. Lisângela. *De armas e de palavras: Um estudo comparado da temática da guerra em Terra sonâmbula, de Mia Couto, e Ventos do Apocalipse de Paulina Chiziane*. São Paulo, 2010. 189 p. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutorado junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, área de Estudos Comparados de Literaturas Portuguesa.
- TEDESCO, Maria do Carmo Ferraz. *Revista Mosaico*, v.3, n.1, p.81-91, jan./jun. 2010
- TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. Tradução de Maria Clara Correa Castello. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- SECCO, Carmen Lucia Tindó. *A magia das letras africanas: Ensaio sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos*. Rio de Janeiro: Quartet Editora, 2008.